

Introdução

O que são e quem são os Alcoólicos Anónimos? O que se faz nos Narcóticos Anónimos ou nas Famílias Anónimas? Muitos de nós estamos habituados a ver referências a estes grupos em séries televisivas, filmes, talvez até já nos tenhamos cruzado com estes nomes nas *Páginas Amarelas* ou visto um folheto numa farmácia ou num centro de saúde. Mas, na verdade, a ideia que se tem do que são estas associações é na maior parte dos casos superficial e especulativa: serão seitas ligadas à Igreja? Ou grupos de pessoas que se juntam para beber?

Este livro tem como base uma tese de doutoramento em Antropologia orientada pelo Prof. João de Pina Cabral e levada a cabo no Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. O que se apresenta é uma versão encurtada¹ mas que pretende oferecer um conhecimento aprofundado do que são estas associações, quais os seus objectivos e quem são os seus membros, tendo por base um trabalho etnográfico realizado na área da Grande Lisboa ao longo de três anos, junto de três associações de 12 Passos existentes em Portugal: os Alcoólicos Anónimos, os Narcóticos Anónimos e as Famílias Anónimas.

¹ Este trabalho, revisto e aumentado, pode ser encontrado em Frois (2009).

Denominadas associações de «auto-ajuda», são dirigidas, respectivamente, a pessoas com problemas de consumo abusivo de álcool, drogas ou familiares de alguém com esses comportamentos. Seguindo o modelo original dos Alcoólicos Anónimos, criados nos Estados Unidos da América na década de 30 do século passado, são associações que se encontram difundidas mundialmente e visam várias problemáticas. O principal objectivo é a «recuperação» do membro que delas faz parte, recuperação esta de um problema perante o qual se assume como «ímpotente» para o resolver sozinho. São compostas exclusivamente por membros e, ainda que hierarquizadas, não existem líderes, assentam na participação voluntária, não há regras formais, não há obrigações, não há pagamento de cotas ou formulário de inscrição.

Os ensaios antropológicos que encontrei sobre as associações de 12 Passos – apenas para os Alcoólicos Anónimos – foram-me especialmente úteis nas suas interpretações deste fenómeno, pelo que saliento o trabalho de Paul Antze (2003), sobre a perspectiva religiosa presente nestes grupos, e o trabalho de Maria Gabrielle Swora (2001a; 2004), especialmente relevante no estudo da relação terapia-identidade-religião. O trabalho que mais influenciou este estudo, foi o excelente ensaio de Sylvie Fainzang (1996), sobre a associação Vie Libre, uma associação de «antigos bebedores», em tudo semelhante aos Alcoólicos Anónimos. Aqui, a autora levou a cabo um estudo empírico da maior relevância sobre o tema do alcoolismo, do impacto que tem na pessoa que consome e nas suas famílias, bem como do que representa ser-se parte de um grupo terapêutico composto apenas por pessoas com o mesmo problema.

Os Alcoólicos Anónimos, enquanto associação dirigida especificamente para pessoas com problemas de alcoolismo, são o objecto de estudo preferencial na generalidade dos debates sobre grupos de auto-ajuda. Embora não tenha encontrado nenhuma explicação para esta escolha, arrisco afirmar que está relacionada com o facto de serem o modelo que inspira outras associações

de 12 Passos, bem como a associação que tem melhor documentada a sua evolução ao longo do tempo e a que maior visibilidade apresenta, seja no meio académico/científico, seja na comunidade médica/terapêutica.

Por esse motivo, em parte, o trabalho que apresento tem como objecto de análise três associações de 12 Passos diferentes, tendo em mente dois propósitos: por um lado, e no seguimento de múltiplos trabalhos sobre os Alcoólicos Anónimos em vários países, contribuir para o conhecimento da existência e funcionamento desta associação em Portugal. Por outro lado, ao fazer uma análise das outras duas associações (e sobre as quais pouca ou nenhuma literatura encontrei) procurei colmatar, tanto quanto possível, essa lacuna. A estes dois motivos acresce um outro: o de fazer, pela primeira vez e segundo o conhecimento que tenho da produção realizada, uma análise comparativa entre várias associações de 12 Passos, não me centrando apenas numa, procurando compreender quais as semelhanças e diferenças, e de que forma era aplicado e interpretado este modelo em várias áreas de actuação.

O que inicialmente me interessava era explorar um aspecto imediatamente visível nestas associações e que está explícito na sua designação: porque é que são «anónimas» e qual o uso e importância do anonimato neste contexto. Porém, foi o próprio terreno que me conduziu a outras dimensões da minha problemática inicial. Quanto mais procurava compreender o que eram as associações de 12 Passos e de que modo os seus membros falavam de «anonimato», melhor percebia que só o conseguiria explorando a história das associações; estudando o processo terapêutico que se opera nos seus membros, conduzindo-os a uma transformação identitária; analisando os modos de inserção e fidelização dos membros; as implicações de noções como religião, doença e estigma.

Assim, o recurso ao discurso dos membros, feito na primeira pessoa, é uma constante ao longo deste ensaio: não foram apenas as associações enquanto entidades que me interessaram e que

mostraram ser relevantes; foram as pessoas que as frequentam, que nelas participam, para quem aquele universo faz sentido, e que lhes dão sentido, que assumiram um papel determinante.

Apresentação do livro

O capítulo 1 trata da origem dos Alcoólicos Anónimos nos anos 30 do século passado nos Estados Unidos da América, com especial atenção à forma como o conceito de *doença* – e todo o processo histórico subjacente à sua origem e implementação – veio modificar as perspectivas médica, religiosa e penal sobre o «problema» do alcoolismo e da adicção. O capítulo 2 foca o aparecimento das associações de 12 Passos em Portugal, nomeadamente as três que foram acompanhadas e que neste contexto apresentam maior relevância: os Alcoólicos Anónimos, os Narcóticos Anónimos e as Famílias Anónimas. O capítulo 3 segue esta análise, numa apresentação das pessoas que frequentam as associações de 12 Passos aqui em estudo, fazendo uma caracterização das suas trajectórias de vida *antes* de conhecerem as associações, com base nas suas próprias narrativas.

No capítulo 4 explico como, através dos encontros formais com outros membros, as reuniões, se opera uma transformação na pessoa que participa, ou seja, como se torna, progressivamente, membro de uma associação de 12 Passos. Através da troca de experiências entre pares – a «partilha» – dá-se uma «identificação», ou seja, o reconhecimento do outro como seu igual. No seguimento desta análise, o capítulo 5 foca os processos de inserção e incentivo à participação activa nas associações, ao considerar as chamadas «ferramentas do programa». Através do incentivo à sociabilidade com outros membros, à participação em tarefas na associação, ao estudo das publicações da mesma, procura-se que as pessoas se envolvam cada vez mais na associação a que passam a pertencer, tornando essas relações e sociabilidades como centrais e preferenciais nas suas vidas.

O capítulo 6, dedicado ao estudo da componente religiosa das associações, procura dialogar com categorias como «religião», «fé», «crença», «conversão». Nesse sentido, a discussão da literatura das associações bem como a análise das narrativas dos membros quanto à «espiritualidade» que adquiriram através deste modelo, permite compreender como os membros integram e assimilam os ensinamentos das associações, lhes são dedicados e, por sua vez, fazem «passar a mensagem» para fora das mesmas.

No capítulo 7 voltam a cruzar-se as temáticas até aí abordadas ao trabalhar a categoria de estigma. Equaciono tanto a forma como o conceito de doença é crucial para a racionalização que os membros fazem de si próprios e dos seus comportamentos passados como a sua intersecção com o estigma, a vergonha e a culpa, que são, de certa forma, despenalizados quando enquadrados numa categoria médica.

O capítulo 8 é dedicado aos usos do anonimato nas associações de 12 Passos, onde mostro que é através do recurso ao anonimato que se estabelecem diferenças entre membros e não-membros e, de igual modo, a fronteira da interacção dos membros uns com os outros: o que dizem, o que não dizem e a quem o fazem.

Nota metodológica

A metodologia da recolha empírica (2003-2007) consistiu sobretudo na observação participante dos encontros de diversos grupos das associações e em entrevistas com os membros. Cada grupo foi acompanhado durante um período de nove meses a um ano, correspondendo no total à assistência a mais de 100 reuniões, e poderei mesmo dizer que contactei com igual número de pessoas. Recorri ainda a uma análise do material fornecido pelas associações, para documentar e compreender em que consistiam e quais os seus objectivos.

A única condição colocada pelos membros, tanto relativamente à assistência a reuniões como durante as entrevistas, foi a de preservar o seu anonimato, não só para o exterior, mas também de maneira a que se impedisse o reconhecimento das suas histórias pessoais pelos outros membros. Tal como a antropóloga Carole Cain (1991, 246) observa na sua pesquisa junto dos Alcoólicos Anónimos, um pedido de anonimato com estas características assume contornos singulares para o investigador. Assim, para além de atribuir pseudónimos aos meus interlocutores, sempre que se revelou necessário foram alterados ou omitidos dados relativos às suas profissões, idades ou mesmo o local de reunião que frequentavam, procurando, contudo, não comprometer o conteúdo da informação prestada.

Embora este estudo se tenha centrado na área da Grande Lisboa e procure ser representativo desta região do país, foram presenciadas reuniões em vários outros locais de Portugal Continental, tendo a preocupação de compreender se a amostra com que trabalhava era representativa desta realidade, e se os dados recolhidos podiam ser extrapolados para uma caracterização mais geral. Não foram encontradas disparidades nem nos modelos de funcionamento nem no tipo de participantes das associações de 12 Passos noutros locais do país, embora em meios com menos densidade populacional, onde existe maior conhecimento dos outros habitantes, a possibilidade de existência de anonimato quanto à pertença e interação dos membros assuma outro tipo de especificidades quando comparada com zonas urbanas como aquela onde me centrei.

Durante o trabalho de campo procurei ter contacto com pessoas que se encontrassem em diferentes etapas de frequência, mas sobretudo com membros que estivessem a iniciá-la, de maneira a compreender as transformações que se iam operando nesses indivíduos e que descreverei com maior detalhe nos capítulos seguintes. Neste sentido, a média do tempo de frequência

das associações foi um factor importante a ter em conta na análise dos participantes das associações de 12 Passos, uma vez que constatei que, quanto maior era esse período, mais padronizado e interiorizado estava o seu discurso. Esta variável, contudo, não é fidedigna, na medida em que da mesma forma que não existem regras formais nestas associações, também não existem padrões rígidos que possam ser observados em permanência.

Após um primeiro período de imersão – sobretudo o primeiro ano – é possível verificar-se três comportamentos distintos nos membros: 1) uma participação activa nas associações, que se reflecte por um cada vez maior envolvimento nas mesmas e que pode durar vários anos; 2) uma participação esporádica em reuniões, sobretudo em momentos que definem como de «crise» familiar ou de recaída eminente; 3) o abandono da associação, que se traduz pela perda de contacto com outros membros ou pela não-frequência de reuniões ou outros encontros da associação.

Está claro que tive ocasião de travar conhecimento com pessoas que iniciaram a frequência e depois a abandonaram pelos mais diversos motivos – por exemplo, uma recaída no consumo; por sentirem que não estavam tão necessitados dessa ajuda, por terem já algum tempo de abstinência; ou por rejeitarem a identidade «alcoólico»/«adicto» ou «familiar de alcoólico/adicto». Mas o que é importante sublinhar é que o meu enfoque está sobretudo nas pessoas para quem a «filosofia» dos 12 Passos funcionou, uma vez que foram estas que tive oportunidade de acompanhar.

Todas as imagens e literatura das associações de 12 Passos reproduzidas neste ensaio foram obtidas mediante autorização escrita dos Serviços Mundiais das associações, o que não significa que o conteúdo desta obra tenha sido aprovado como parte da sua literatura oficial. Este trabalho não deve, portanto, ser entendido como um veículo de divulgação ao serviço das associações de 12 Passos ou de qualquer outra associação semelhante.